

Adaptação Portuguesa do *Physical Self-Perception Profile for Children and Youth* e do *Perceived Importance Profile for Children and Youth*

RUI PAULO SANTOS BERNARDO (*)
MARGARIDA GASPAR DE MATOS (*)

1. INTRODUÇÃO

A terminologia do *self* é prolixa: auto-estima, auto-conceito, auto-imagem, auto-avaliações, auto-conhecimento, auto-percepções, auto-eficácia, etc., sendo que existe acordo geral de que o *self* é mais correctamente descrito como um complexo sistema de constructos (Fox, 1999, 2000). Esta complexidade tem propiciado a existência de um conjunto de termos que por vezes são empregues indiscriminadamente, gerando ambiguidade e conduzindo a uma confusão conceptual e metodológica, existindo uma certa indefinição quanto a uma correcta e objectiva diferenciação, nomeadamente entre auto-estima e auto-conceito. Esta imprecisão e indefinição arrastou-se durante muito tempo, mas nos finais dos anos 80 parece ter emergido consenso na definição destes constructos primários do *self* (Fox, 1997, 1998), considerando que se

trata de duas entidades psicológicas diferentes que reenviam para distintas dimensões do *self* (Peixoto, 1996). Segundo diversos autores o auto-conceito é um conceito mais abrangente relativo à auto-descrição de um indivíduo, pelo que está relacionado com a percepção que o mesmo tem de si próprio (e.g. Peixoto, 1996; Vaz Serra, 1988), enquanto que a auto-estima é a dimensão avaliativa do auto-conhecimento, referente portanto à forma como uma pessoa se auto-avalia (Baumeister, 1994). Assim, enquanto o auto-conceito se refere à imagem multifacetada que um indivíduo tem de si mesmo, a auto-estima diz respeito à avaliação ou ao modo como o indivíduo se sente acerca da sua imagem. Neste sentido, a auto-estima pode ser usada para se referir à auto-avaliação de um indivíduo como um todo (auto-estima global) ou pode ser discutida em relação à avaliação do *self* em determinada e particular dimensão ou domínio.

Durante muitos anos, psicólogos e outros investigadores lidaram com a auto-estima e com o auto-conceito como entidades unidimensionais (Fox, 1997). No caso particular da auto-estima, os investigadores avaliavam este conceito como

(*) Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa, Portugal.

uma medida global sem atender às diferentes percepções do *self* que o compõem (Mutrie & Biddle, 1995). A avaliação destes estudos revelou que as conclusões reflectiam problemas de mensuração e de análise estatística que não suportavam a unidimensionalidade do auto-conceito e da auto-estima (Marsh & Hattie, 1996). Esta perspectiva unidimensional é considerada teoricamente limitada uma vez que não permite investigar todos os mecanismos subjacentes às mudanças da auto-estima, pois não contempla o facto de cada indivíduo ter sentimentos distintos sobre si próprio, em diferentes aspectos da sua vida, e que essa contribuição pode fazer variar a sua auto-estima global (Faustino, 1994; Ferreira, 1997). Mais recentemente, assistiu-se a vários desenvolvimentos cruciais, sobretudo quando o enfoque se passa a centrar directamente nos mecanismos da mudança envolvidos no sistema do *self* (Fox, 1997), como acontece no caso do modelo hierárquico multidimensional. Os modelos hierárquicos de auto-estima sugerem que as auto-avaliações em domínios específicos estão de algum modo agregadas para formar a auto-estima global. A este propósito, pesquisas no domínio do *self* corporal (e.g. Fox & Corbin, 1989) têm enfatizado a auto-estima corporal como um constructo multidimensional e hierárquico, fazendo parte da auto-estima global. Fox (1988,

1990) e Fox e Corbin (1989) sugerem um modelo hierárquico multidimensional da auto-estima, que sustenta a existência de um nível global de auto-estima relativamente estável e alto no topo, que é o resultado de percepções avaliativas em vários domínios da vida, com sejam o académico, o social, o emocional ou o corporal. Cada domínio considerado representa os efeitos combinados de percepções de um nível inferior de hierarquia, pelo que, à medida que se desce na hierarquia, a estabilidade diminui e as facetas tornam-se cada vez mais fraccionadas e específicas de uma dada situação. O modelo apresentado pelos autores, no caso da auto-estima corporal, considera que esta depende de quatro dimensões: competência desportiva, corpo atraente, força física e condição física. Neste modelo, verificam-se fortes relações entre um nível imediatamente acima ou abaixo, mas mais fracas entre níveis mais afastados. Por exemplo, a força física apresentará uma correlação significativa com a auto-estima corporal, mas uma menor ligação à auto-estima global. A multidimensionalidade deste modelo implica que as facetas da auto-estima, apesar de inter-relacionadas, possam ser medidas como constructos separados.

Nos anos 80 verificaram-se vários avanços importantes na avaliação da auto-estima (Fox, 1998). Com o aparecimento dos perfis de auto-

FIGURA 1
Modelo hierárquico da estrutura da auto-estima (adaptado de Fox, 1988, p. 233)

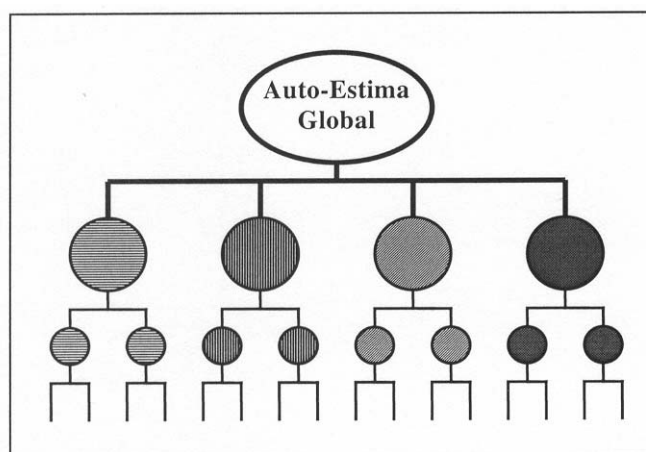
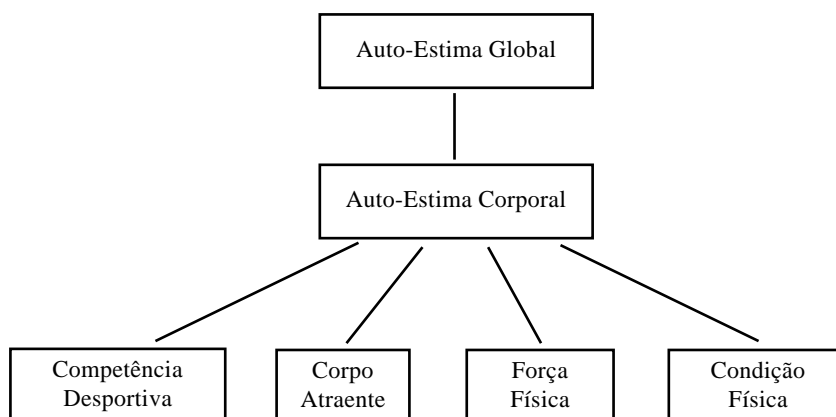


FIGURA 2
Hipótese dos três níveis de organização hierárquica da auto-estima
(adaptado de Fox, 1988, p. 237; Fox & Corbin, 1989, p. 414)



-percepção e escalas globais separadas de auto-estima surgiram modelos que indicaram como os constructos se poderiam relacionar entre si. Especificamente, estão disponíveis diversos instrumentos que avaliam apenas a auto-estima corporal, da mesma forma que existem instrumentos que avaliam outros aspectos particulares, sejam eles profissionais, académicos, sociais, etc. (Almeida, Maia & Fontoura, 1995). Os trabalhos de Fox e Corbin (1989) foram os primeiros a providenciar conhecimento profundo acerca do conteúdo da auto-estima corporal, e as suas investigações conduziram à construção e validação do *Physical Self-Perception Profile* – PSPP. A fim de ser utilizado complementarmente ao PSPP, Fox (1990) desenvolveu o *Perceived Importance Profile* – PIP, que se trata de um instrumento de avaliação da importância atribuída pelos sujeitos a componentes do *self* corporal. Talvez a grande limitação do PSPP e do PIP seja terem sido validados com uma população específica de jovens adultos estudantes. Nesse sentido, versões do PSPP e do PIP para crianças e jovens foram desenvolvidas por Whitehead (1995).

Foi propósito deste estudo aplicar uma versão destes instrumentos numa amostra portuguesa. Os instrumentos sofreram um processo de tra-

dução e adaptação para jovens portugueses que se passa a descrever.

2. METODOLOGIA

2.1. Amostra

Os instrumentos foram aplicados a uma amostra de 625 sujeitos, 310 do sexo masculino e 315 do sexo feminino, com idades compreendidas entre 11 e 19 anos ($M = 14,38$ e $DP = 1,46$). Os sujeitos eram alunos dos 7.º, 8.º, 9.º, 10.º e 11.º anos de escolaridade pertencentes a escolas algarvias, e eram oriundos de diversos meios sócio-culturais. Na selecção dos sujeitos foram contactados diversos professores de Educação Física das escolas referidas que disponibilizaram turmas suas, tendo-se obtido uma amostra de oportunidade, em que o critério de disponibilidade se traduziu num carácter aleatório da amostra.

2.2. Instrumentos

O *Physical Self-Perception Profile for Children and Youth* – PSPP-CY (Whitehead, 1995) é

uma versão para crianças e adolescentes adaptada a partir do *Physical Self-Perception Profile* – PSPP (Fox, 1990; Fox & Corbin, 1989), mas que contempla também dimensões do instrumento *Self-Perception Profile for Children* (Harter, 1985). O PSPP-CY pretende analisar o modo como as crianças e jovens percebem a sua competência em diferentes domínios do *self* corporal e como avaliam a sua auto-estima. O PSPP-CY tem seis sub-escalas que representam uma organização de factores de auto-estima. Esta organização contempla uma sub-escala geral de auto-estima global, engloba uma sub-escala de auto-estima corporal global e contém quatro sub-domínios de factores de competência e adequação corporal. Todas as sub-escalas têm seis itens cuja pontuação é obtida usando um formato alternativo estruturado em quatro pontos. A chave de cotação da escala é obtida através da média das seis sub-escalas que, no seu conjunto, definem o «perfil» de cada criança ou adolescente.

Das duas sub-escalas introduzidas por Whitehead (1995) no PSPP-CY foram retiradas do instrumento *Self-Perception Profile for Children* construído e validado por Harter (1985). Trata-se das sub-escalas Auto-Estima Global e Desporto. Esta última foi escolhida por Whitehead (1995) uma vez que já se encontrava validada para populações juvenis e era conceptualmente similar à mesma sub-escala do PSPP. A sub-escala de Auto-Estima Corporal e as restantes três sub-escalas – Corpo, Força e Condição Física – representam adaptações das escalas do PSPP. Eklund, Whitehead e Welk (1997) forneceram evidência acrescida de validade do PSPP-CY ao conduzirem uma Análise Factorial Confirmatória com um bom ajustamento dos dados. A aplicação deste instrumento adaptado tem sido conduzida em diversos estudos e em diferentes culturas: junto de crianças russas e britânicas (Hagger, Ashford & Stambulova, 1998), jovens atletas americanos (Welk, Corbin & Lewis, 1995) ou em crianças e adolescentes estonianos (Raudsepp, Liblik & Hannus, 2002), indicando que apesar da fidelidade do instrumento permanecer na generalidade dos estudos, a estrutura factorial pode variar com as populações.

O *Perceived Importance Profile for Children and Youth* – PIP-CY (Whitehead, 1995) é baseado no *Perceived Importance Profile* de Fox (1990). Este foi construído para complementar o

PSPP e providenciar uma medida da importância atribuída pelos indivíduos a factores relativos ao *self* corporal, concretamente aos seus respectivos níveis de competência desportiva, força física, condição física e adequação corporal, por forma a aceder à sua auto-estima corporal. Assim, o instrumento é conceptualizado como um ecrã ou filtro estabelecido entre as pontuações das auto-percepções em cada um dos sub-domínios e a auto-estima corporal dos indivíduos.

2.3. Cotação e Formato dos itens do PSPP-CY e do PIP-CY

Whitehead (1995), tal como o haviam feito Fox e Corbin (1989) e Fox (1990), adoptou o formato de resposta proposto por Harter (e.g. 1982, 1985, 1988), reduzindo fortemente os problemas normalmente associados aos formatos clássicos de duas escolhas («Verdadeiro – Falso» ou «Sim – Não») das escalas de auto-estima. Existe evidência que revela que este formato reduz a tendência para se fornecer respostas socialmente desejáveis e deste modo uma redução do risco de enviesamento de resultados (Harter, 1982, 1985, 1988; Fox, 1988). A desejabilidade social (aspecto em que os indivíduos tendem a concordar com as respostas que são mais adequadas socialmente, fornecendo respostas «para agradar») dificilmente ocorre no formato proposto, face ao tipo de formulação das questões e o processo de escolha que exige, o que transmite a sensação ao sujeito que todo o leque de respostas é aceitável. A estrutura de resposta adoptada por Whitehead (1995) quer no PSPP-CY quer no PIP-CY foi a que se indica na Figura 3.

O procedimento geral para avaliação consiste na cotação de cada item com base numa escala de 4 pontos. A pontuação 1 significa baixa adequação ou competência percebida e a cotação 4 indica alta adequação ou competência percebida, onde ambos os valores correspondem ao tipo de descrição «Totalmente verdadeiro para mim». Os valores 2 e 3 indicam que a escolha do jovem é do tipo «Parcialmente verdadeiro para mim», numa descrição mais auto-desfavorável ou auto-favorável, respectivamente. Ao responder, o indivíduo em primeiro lugar decide qual das duas afirmações melhor o descreve, aquela com que se identifica mais e, seguidamente, junto a cada

FIGURA 3
Formato dos itens de resposta do PSPP-CY e do PIP-CY

Exemplo

Totalmente verdadeiro para mim	Parcialmente verdadeiro para mim	Parcialmente verdadeiro para mim	Totalmente verdadeiro para mim
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Alguns jovens são muito competitivos	MAS	Outros não são tão competitivos	

afirmação assinala se a mesma é parcialmente verdadeira ou totalmente verdadeira para si. O instrumento pode ser administrado individual ou colectivamente, sendo necessário em quaisquer dos casos, o aplicador assegurar-se de que os sujeitos se situam previamente num dos lados do item e só depois assinalam a escolha do grau de acordo com a afirmação escolhida, já que, há uma tendência comum, sobretudo entre os mais novos, para escolherem alternativas em ambos os lados de cada item.

2.4. Dimensões do PSPP-CY e do PIP-CY

São as seguintes as dimensões / sub-escalas do PSPP-CY: (1) *Physical Condition* (Condição Física / Condição) – esta sub-escala procura avaliar as percepções do nível de condição física, resistência ou forma física; (2) *Sports Competence* (Competência Desportiva / Desporto) – esta sub-escala destina-se a avaliar as percepções de habilidade física e desportiva, ou seja, o modo como a criança ou o adolescente se percebem ao nível das suas actividades físicas e desportivas; (3) *Body Attractiveness* (Corpo Atraente / Corpo) – esta sub-escala pretende avaliar o grau de satisfação e a confiança na própria aparência, assim como a capacidade da criança ou do adolescente manter um corpo atraente; (4) *Physical Strength* (Força Física / Força) – esta sub-escala tenciona avaliar as percepções de

força, desenvolvimento muscular e a confiança em situações que exigem força física; (5) *Physical Self-Worth* (Auto-Estima Corporal / AEC) – esta sub-escala procura avaliar sentimentos gerais de felicidade, satisfação, orgulho, respeito, e confiança no próprio corpo; e (6) *Global Self-Esteem* (Auto-Estima Global / AEG) – esta sub-escala pretende avaliar até que ponto o indivíduo gosta de si próprio enquanto pessoa. Constitui portanto, um juízo global do valor da criança ou do adolescente enquanto pessoa e não um domínio específico de competência.

Por sua vez, o PIP-CY é constituído por quatro sub-escalas de dois itens cada, e foi desenhado de acordo com os conteúdos dos sub-domínios do PSPP-CY (Condição, Desporto, Corpo e Força).

2.5. Processo de validação transcultural

Pode ser afirmado que as auto-percepções são em parte culturalmente determinadas e, assim, tanto o PSPP-CY como o PIP-CY devem ser adequadamente testados antes de ser usados em investigação com outras populações. Hagger, Ashford e Stambulova (1998) examinaram a validade transcultural do PSPP-CY junto de crianças russas e britânicas sugerindo que dentro do contexto europeu os resultados do PSPP-CY não seriam substancialmente diferentes entre culturas. Os resultados obtidos por Raudsepp,

Liblik e Hannus (2002) com crianças e adolescentes estonianos, corroboram esta assunção. No presente estudo foi testada a validade transcultural do PSPP-CY e do PIP-CY com uma amostra portuguesa, tendo os instrumentos sofrido um processo de tradução e adaptação para crianças e adolescentes.

O primeiro passo deste processo consistiu na elaboração de um formulário destinado a um corpo de juizes, que incluiu os itens na sua versão original (em língua inglesa), juntamente com uma tradução desses mesmos itens. O corpo de juizes, constituído por especialistas que dominavam simultaneamente as línguas Portuguesa e Inglesa, foi composto por: quatro Tradutores, dois Psicólogos do Desporto e quatro Licenciados em Ciências do Desporto. Os especialistas do corpo de juizes verificaram o rigor da tradução, considerando a terminologia específica utilizada, a clareza dos enunciados, a correcção gramatical das frases, assim como a sua adequação semântica. Os resultados oriundos do corpo de juizes foram analisados e, com mais preocupações qualitativas (sentido e construção dos itens) do que quantitativas (número de concordâncias e discordâncias dos tradutores), foi efectuada uma segunda tradução, que resultou numa segunda versão. Esta foi entregue a cinco juizes, retirados do primeiro corpo de juizes, que tal como se passou no primeiro processo manifestaram a sua opinião face às novas propostas, apresentando as suas sugestões de reformulação sempre que entenderam pertinente. Estes resultados foram novamente analisados, efectuando-se uma nova reestruturação dos itens, nos casos considerados necessários, a partir do número de concordâncias e discordâncias apresentadas pelos tradutores relativamente ao rigor da tradução e da adequação à população-alvo. Surgiram assim as versões piloto, que foram aplicadas a um grupo de 15 indivíduos, de ambos os sexos, com características semelhantes às da população-alvo. Esta aplicação consistiu em descobrir os eventuais problemas apresentados pelos instrumentos PSPP-CY e PIP-CY e teve por objectivo verificar se os mesmos se encontravam perceptíveis e eram de fácil compreensão para a população em causa, permitindo a sua aplicação, atendendo ao escalão etário a que se destinam. Durante a aplicação dos questionários aos indivíduos, foram registadas todas as dúvidas, mas

não se considerou relevante efectuar novos acertos na redacção de qualquer item, tendo de um modo geral os instrumentos sido considerados interessantes pelos sujeitos. Desta forma, a versão final do instrumento pode ser considerada como correcta, clara e compreensível. Ficaram então elaboradas as versões portuguesas dos instrumentos PSPP-CY / PIP-CY, que se designaram por «*Perfil de Auto-Percepção Corporal para Crianças e Jovens*» – PAPC-CJ e «*Perfil de Importância Percebida para Crianças e Jovens*» – PIP-CJ.

2.6. Aplicação dos instrumentos e procedimentos operacionais

O estudo foi autorizado pelo Centro de Área Educativa do Algarve. Todos os professores contactados manifestaram total disponibilidade para colaborar no estudo. Os dados foram recolhidos entre a segunda quinzena de Novembro e a primeira semana de Dezembro de 2001. Os questionários foram aplicados durante o horário escolar normal, na sala de aula, às turmas que foram disponibilizadas pelos professores.

2.7. Condições de aplicação dos instrumentos

Em todas as turmas a leitura das instruções e a aplicação dos instrumentos foram efectuadas presencialmente pelo investigador. Antes da distribuição dos questionários foi solicitada a colaboração dos alunos, tendo estes sido informados da natureza do estudo e da importância de serem sinceros nas suas respostas. Referiu-se que a participação no estudo era facultativa e foi garantida a confidencialidade dos dados individuais recolhidos. Todos os alunos aceitaram colaborar. A administração dos instrumentos foi aplicada colectivamente em cada turma, durante um tempo lectivo. As instruções estandardizadas fornecidas foram idênticas em todas as turmas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados recolhidos, foram reunidos e tratados independentemente da turma de origem, constituindo uma amostra única. O tratamento estatístico dos dados foi elaborado através do programa estatístico SPSS-10.0 (*Statistical*

Package for the Social Sciences), versão de 1999. A análise das propriedades psicométricas incidiu sobre a sensibilidade, a fidelidade e a validade do instrumento. Em primeiro lugar expõe-se a análise do PAPC-CJ e na parte final apresenta-se a análise do PIP-CJ.

3.1. *Perfil de Auto-Percepção Corporal para Crianças e Jovens - PAPC-CJ*

Inicialmente, analisou-se a sensibilidade das dimensões do PAPC-CJ, nomeadamente utilizando médias, desvios padrão e os parâmetros de assimetria e curtose. Complementarmente, analisou-se a normalidade dos dados por inspeção dos respectivos histogramas e curvas das distribuições relativas às dimensões consideradas. Pela observação do Quadro 1 pode verificar-se que a média das sub-escalas se situou perto do hipotético ponto central de 2,50, com as raparigas a pontuarem entre 2,18 e 2,92, e os rapazes de 2,61 a 3,05. Em todas as dimensões consideradas os rapazes apresentaram valores superiores aos das raparigas. Este padrão de resultados é similar ao apresentado por Whitehead (1995) com uma amostra de jovens adolescentes e por Fox (1990) com uma amostra de jovens adultos. Estas diferenças corroboram a sugestão de Fox no sentido de as análises das auto-percepções serem sistematicamente conduzidas por género. Através da inspeção dos histogramas referentes às dimensões do PAPC-CJ, não se registou mar-

cada assimetria nem curtose das pontuações das distribuições.

A fidelidade foi analisada sob o ponto de vista da consistência interna do instrumento, em que se recorreu ao cálculo do Alfa de Cronbach. Evidência da consistência interna do PAPC-CJ é apresentada no Quadro 2. Considerando a amostra na sua totalidade, atendendo ao valor crítico de .70 proposto por Nunnally (1978), verifica-se que nenhum lhe é inferior, pelo que todas as sub-escalas evidenciam valores aceitáveis de consistência interna, de .73 a .85. Tendo em atenção a variável género, constata-se que os coeficientes alfa de fidelidade obtidos para as sub-escalas do PAPC-CJ foram de .70 a .85 para o sexo feminino e de .66 a .81 para o sexo masculino. Neste caso, com excepção da dimensão Desporto para o sexo masculino, todas as restantes apresentam valores acima de .70. Comparando os valores encontrados nos diferentes anos de escolaridade, verifica-se que estes são de uma forma consistente mais elevados para os sujeitos mais velhos (9.º, 10.º e 11.º anos) em todas as sub-escalas. Apenas em três casos se verificou que o coeficiente alfa da escala aumentava pela remoção de um item. O valor de alfa da sub-escala Desporto, quando considerada a amostra na sua totalidade, aumentava de .73 para .76 caso fosse retirado o item 7, o valor de alfa da sub-escala Auto-Estima Corporal na amostra masculina aumentava de .79 para .80 caso fosse retirado o item 35 e o valor de alfa da sub-escala Auto-Estima Global

QUADRO 1
Valores Relativos às Dimensões do PAPC-CJ (Médias e Desvios Padrão – DP)

	Amostra Total (n=625)		Sexo Feminino (n=315)		Sexo Masculino (n=310)	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
AEG	2,98	0,65	2,92	0,68	3,05	0,63
AEC	2,73	0,67	2,53	0,66	2,94	0,63
DESPORTO	2,48	0,59	2,26	0,54	2,70	0,54
CONDIÇÃO	2,66	0,69	2,40	0,66	2,92	0,62
CORPO	2,47	0,64	2,33	0,63	2,61	0,62
FORÇA	2,41	0,58	2,18	0,47	2,65	0,59

QUADRO 2
Coefficientes de Consistência Interna para as Sub-Escalas do PAPC-CJ

Escalas	Amostra Total (n=625)	Sexo Feminino (n=315)	Sexo Masculino (n=310)	7.º / 8.º Anos (n=255)	9.º Ano (n=199)	10.º / 11.º Anos (n=171)
AEG	.80	.82	.80	.72	.80	.86
AEC	.84	.85	.79	.76	.85	.88
DESPORTO	.73	.70	.66	.65	.75	.80
CONDIÇÃO	.85	.84	.81	.80	.86	.90
CORPO	.82	.83	.80	.77	.83	.87
FORÇA	.81	.75	.80	.75	.82	.88

na amostra feminina aumentava de .82 para .83 caso fosse retirado o item 36. Todavia, uma vez que à partida todos os valores de consistência interna das sub-escalas já são considerados aceitáveis, não se justificou, por este motivo, a retirada de qualquer item do instrumento. Na versão original do instrumento os valores de alfa obtidos por Whitehead (1995) para as diferentes sub-escalas variaram entre .86 e .90 para o sexo feminino e entre .80 e .88 para o sexo masculino. Comparativamente com estes dados, verifica-se que a versão portuguesa apresenta valores de alfa ligeiramente inferiores aos da versão americana, no entanto, com excepção da dimensão Desporto para o sexo masculino (.66), os restantes valores são razoáveis, ou na maioria dos casos bons. Resultados similares aos do presente estudo foram obtidos por Welk, Corbin e Lewis (1995), relatando valores muito semelhantes para o sexo feminino e valores ligeiramente inferiores para o sexo masculino. O valor apresentado por estes autores, no caso da sub-escala Desporto, para o sexo masculino, foi de .64, podendo indiciar alguns problemas de consistência interna desta sub-escala, mesmo na versão original. Os resultados encontrados no presente estudo sugerem que não sugeriram problemas de maior causados pela tradução do original PSPP-CY para português. Pode assim afirmar-se que todos os itens individuais contribuíram para o funcionamento da sua sub-escala e diferenças de linguagem não parecem ter comprometido a efectividade dos itens.

A fim de estudar a estrutura factorial do instrumento e o grau de diferenciação das várias escalas, procedeu-se a uma replicação da análise apresentada por Whitehead (1995), que esteve na origem da versão original, no sentido de verificar se os factores e a sua constituição se alteravam, quando o instrumento fosse aplicado à população portuguesa. Utilizou-se a análise factorial exploratória, com extracção das componentes principais, através do método de rotação *varimax*. A análise factorial com rotação *varimax*, foi condicionada a quatro factores e efectuada incidindo sobre 24 itens. Não se incluiu na análise os itens relativos à Auto-Estima Global e Auto-Estima Corporal, tal como efectuado por Whitehead (1995), na medida em que estas dimensões se destinam a avaliar sentimentos globais e como tal cada uma nunca se constituiria como um factor específico. Nesta perspectiva, a Auto-Estima Global e a Auto-Estima Corporal são vistas como constructos *supra-ordenados* e como resultado do peso de combinações de auto-percepções nos quatro sub-domínios. Resultados da análise factorial efectuada estão apresentados nos Quadros 3, 4, e 5. Pode verificar-se que os quatro factores obtidos permitem explicar 53,4% da variância quando se considera toda a amostra, 51,7% da variância com a amostra do sexo feminino e 50,1% da variância com a amostra do sexo masculino. A análise conduzida por Whitehead (1995) para ambos os géneros revelou quatro factores que explicaram uma variância de 64,6% para as raparigas e 60,1% para os rapazes.

QUADRO 3
Resultados da Análise Factorial

Sub-escala		Amostra Total (n=625)				Sexo Feminino (n=315)				Sexo Masculino (n=310)			
		Factor				Factor				Factor			
	Item	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
1. CONDIÇÃO	2	.64				.56				.65			
	8	.73				.75				.69			
	14	.60				.54				.61			
	20	.71				.66				.68			
	26	.75				.83				.66			
	32	.75				.80				.69			
2. CORPO	3		.71			.68				.76			
	9		.67			.68				.64			
	15		.71			.74				.64			
	21		.66			.64				.67			
	27		.68			.76				.64			
	33		.66			.73				.49			
3. FORÇA	4			.65				.73				.61	
	10			.77				.74				.78	
	16			.56				.49				.54	
	22			.69				.59				.71	
	28			.57				(.39)	.41			.62	
	34			.67				.58				.65	
4. DESPORTO	1				.56				.66				.63
	7				.73				.49				.63
	13	.44			.50				.47				.56
	19	.55			(.30)	.48			(.38)	.55			(.39)
	25				.40				.60				.40
	31	.56			.50	.46			.48	.56			(.23)
Valor próprio		8.2	2.0	1.6	1.1	7.2	2.3	1.7	1.2	7.3	2.1	1.5	1.2
% variância		34.1	8.3	6.5	4.5	30.0	9.5	7.2	5.0	30.2	8.9	6.1	4.9
% variância acumulada		34.1	42.4	49.0	53.4	30.0	39.5	46.7	51.7	30.2	39.1	45.2	50.1

Nota: Cross loadings abaixo de .40 foram omitidos por uma questão de clareza. Parêntesis identificam os coeficientes (loadings) nos factores esperados mas que não atingiram .40.

QUADRO 4
Resultados da Análise Factorial na Versão Original (Whitehead, 1995) e no presente estudo, para o Sexo Feminino

Sub-escala	Item	Versão original Sexo Feminino (n=224) Factor				Versão portuguesa Sexo Feminino (n=315) Factor			
		1	2	3	4	1	2	3	4
CONDIÇÃO	2	.57			.41	.56			
	8	.79				.75			
	14	.61				.54			
	20	.68				.66			
	26	.83				.83			
	32	.78				.80			
CORPO	3		.76				.68		
	9	.40	.72				.68		
	15		.86				.74		
	21		.79				.64		
	27		.79				.76		
	33		.79				.73		
FORÇA	4			.77				.73	
	10			.77				.74	
	16			.48	.43			.49	
	22			.76				.59	
	28			.71				(.39)	.41
	34			.81				.58	
DESPORTO	1				.57				.66
	7				.73				.49
	13				.67				.47
	19		.54		.54	.48		(.38)	
	25		.41		.54				.60
	31				.50	.46			.48

Nota: Cross loadings abaixo de .40 foram omitidos por uma questão de clareza. Parêntesis identificam os coeficientes (loadings) nos factores esperados mas que não atingiram .40.

QUADRO 5
Resultados da Análise Factorial na Versão Original (Whitehead, 1995) e no presente estudo, para o Sexo Masculino

Sub-escala	Item	Versão original Sexo Masculino (n=229) Factor				Versão portuguesa Sexo Masculino (n=310) Factor			
		1	2	3	4	1	2	3	4
CONDIÇÃO	2			.58		.65			
	8			.69		.69			
	14			.66		.61			
	20			.61		.68			
	26	.44		.64		.66			
	32	.43		.57		.69			
CORPO	3	.77					.76		
	9	.70					.64		
	15	.72					.64		
	21	.73					.67		
	27	.66					.64		
	33	.72					.49		
FORÇA	4		.83					.61	
	10		.81					.78	
	16		.72					.54	
	22		.72					.71	
	28		.65					.62	
	34		.78					.65	
DESPORTO	1			.75					.63
	7			.67					.63
	13			.61					.56
	19			.70		.55			(.39)
	25			.69					.40
	31			.45		.56			(.23)

Nota: Cross loadings abaixo de .40 foram omitidos por uma questão de clareza. Parêntesis identificam os coeficientes (loadings) nos factores esperados mas que não atingiram .40.

Valores de variância de 51,8% e 48,2% para as raparigas e rapazes, respectivamente, são apresentados por Welk, Corbin e Lewis (1995).

Um valor próprio (*eigenvalue*) superior a 1,0 é geralmente aceite como critério para a inclusão como factor (Pestana & Gageiro, 2000). No presente caso, para os quatro factores os valores próprios foram de 1,2 ou superiores em ambos os géneros. O valor de um coeficiente (*loading*) de .40 é muitas vezes usado para determinar se um dado item contribui para uma escala específica (Stevens, 1986). Idealmente, um item satura a .40 ou mais na escala consistente com o seu conteúdo aparente e inferior a .40 em todas as outras escalas. Este padrão é claro na amostra do presente estudo. No sexo feminino, com excepção do item 28 que não saturou .40 na sub-escala Força mas .41 na sub-escala Desporto, para três das sub-escalas (Corpo, Condição e Força) todos os itens apresentam uma saturação de .54 ou superior, não existindo *cross loadings* entre as escalas. Para a sub-escala Desporto, dois itens apresentaram uma saturação superior a .40 na sub-escala Condição, tendo um deles, o item 19, falhado a saturação de .40 no factor considerado. Este padrão de resultados para o sexo feminino é similar ao estudo de Welk, Corbin e Lewis (1995), no qual o item 19 saturou .62 no factor Condição. Para o sexo masculino, nas sub-escalas Corpo, Condição e Força, os factores são definidos de uma forma bastante clara. Na sub-escala Desporto os itens 19 e 31 apresentaram uma saturação superior a .40 na sub-escala Condição e falharam o valor de .40 no factor esperado, embora um deles se situasse muito perto (.39). Na globalidade, as sub-escalas de Corpo, Condição e Força apresentam uma estrutura bastante clara, no entanto na sub-escala Desporto, os itens 19 e 31 apresentam-se algo ambíguos. Também no estudo de Welk, Corbin e Lewis (1995), os itens 19 e 31 apresentaram uma saturação superior a .40 na sub-escala Condição e falharam o valor de .40 na sub-escala Desporto, parecendo indiciar alguma espécie de problema na formulação destes itens já na versão original. Procedeu-se a uma retenção de todos os itens do instrumento, salvaguardando a necessidade da realização de estudos futuros, com especial atenção sobre os itens que não estiveram de acordo com a fundamentação teórica subjacente. Assim, de forma genérica e com as excepções já assinaladas, re-

gista-se uma boa adequação dos dados ao modelo, na medida em que os *loadings* obtidos são todos significativos e os valores próximos do estudo original. Desta forma, a estrutura factorial encontrada é satisfatória e replica a versão original proposta por Whitehead. A versão portuguesa da escala respeita, assim, o postulado subjacente à sua construção, ou seja, o da validação de quatro domínios específicos da auto-estima corporal.

3.2. Estudo da natureza hierárquica do PAPC-CJ

Segundo Fox (1990) quatro condições indiciam suporte para a organização hierárquica do conteúdo da auto-estima: (a) a AEC exibe a relação mais elevada com a auto-estima do que com as outras sub-escalas; (b) as quatro sub-escalas dos sub-domínios exibem uma relação mais forte com a AEC do que com a AEG; (c) as relações entre AEG e sub-domínios extinguem-se ou são grandemente reduzidas quando o efeito da AEC é estatisticamente removido através de correlação parcial; (d) as relações entre as sub-escalas dos sub-domínios são mais fracas do que a sua relação com a AEC, e são extintas ou reduzidas quando o efeito da AEC é removido. Com base nas suposições de Fox (1990) tentou verificar-se a organização hierárquica do conteúdo da auto-estima utilizando a versão portuguesa do instrumento.

Quando se controla uma variável, o coeficiente designa-se por coeficiente de correlação parcial de ordem um (Pestana & Gageiro, 2000). Deste modo, foram calculados coeficientes de correlação parcial de ordem zero (*R* de Pearson) e de correlação parcial de ordem um, a fim de verificar a estrutura hierárquica do PAPC-CJ. Da análise do Quadro 6 constata-se que, tal como esperado, a AEG exibe uma correlação mais elevada com a AEC do que com as restantes sub-escalas ($R = .50, p < .01$, para as raparigas e $R = .60, p < .01$, para os rapazes), pelo que, estas sub-escalas, por sua vez, exibem uma relação mais forte com a AEC do que com a AEG. A este nível, para ambos os sexos a correlação mais elevada é estabelecida entre AEC e Corpo ($R = .73, p < .01$, para as raparigas e $R = .69, p < .01$, para os rapazes, respectivamente), e a mais baixa entre AEC e Força ($R = .43, p < .01$, para

QUADRO 6
Correlações entre Dimensões do PAPC-CJ

	AEG	AEC	DESPORTO	CONDIÇÃO	CORPO	FORÇA
Amostra Total (n=625)						
AEC	.55	–				
DESPORTO	.40	.65	–			
CONDIÇÃO	.37	.64	.66	–		
CORPO	.45	.73	.48	.46	–	
FORÇA	.30	.55	.57	.54	.50	–
Sexo Feminino (n=315)						
AEC	.50	–				
DESPORTO	.34	.62	–			
CONDIÇÃO	.31	.57	.61	–		
CORPO	.39	.73	.40	.40	–	
FORÇA	.27	.43	.53	.49	.35	–
Sexo Masculino (n=310)						
AEC	.60	–				
DESPORTO	.46	.58	–			
CONDIÇÃO	.41	.64	.59	–		
CORPO	.50	.69	.48	.46	–	
FORÇA	.31	.56	.46	.43	.55	–

Nota: todas as correlações $p < .01$

as raparigas e $R = .56$, $p < .01$, para os rapazes, respectivamente). Os resultados apresentados no Quadro 6 fornecem assim evidência parcelar para a suposta hierarquia da auto-estima.

Da observação dos resultados apresentados no Quadro 7 regista-se que, com excepção dos sub-domínios Corpo, para a totalidade da amostra e dos sub-domínios Desporto e Corpo para o sexo masculino, as relações entre AEG e os sub-domínios se extinguem quando o efeito da AEC é removido através de correlação parcial de ordem um. Todavia, mesmo nestes três casos a redução dos coeficientes de correlação é bastante considerável. Desta forma, a AEC parece funcionar como uma variável mediadora entre as pontuações das sub-escalas dos sub-domínios e a auto-estima. Dados apresentados por Hayes, Crocker e Kowalski (1999) revelam um padrão semelhante em ambos os sexos, ao do presente estudo. No estudo desenvolvido por Hayes, Crocker e Kowalski, as correlações entre os sub-domínios e a AEG também se extinguiram após a AEC ter sido controlada, com a excepção dos

sub-domínios Corpo e Condição no sexo masculino.

Se bem que nem todas as relações entre os sub-domínios sejam mais fracas do que a sua relação com a AEC, casos das correlações Desporto – Condição e Desporto – Força, todas as relações entre sub-domínios são extintas ou reduzidas quando o efeito da AEC é removido, como se pode verificar pela análise do Quadro 8.

As correlações de ordem zero e parciais foram efectuadas com o propósito de testar a estrutura hierárquica da auto-percepção corporal. Os resultados mostraram que existe uma relação significativa entre a auto-estima corporal e os quatro sub-domínios. Colectivamente, as evidências anteriormente apresentadas suportam a estrutura hierárquica do PAPC-CJ e a natureza hierárquica da auto-percepção corporal.

3.3. Estabilidade do instrumento

A estabilidade do instrumento foi verificada por intermédio do teste-reteste, que consistiu no

QUADRO 7
Correlações de Ordem Zero (R de Pearson) e Correlações Parciais de Ordem Um entre os Sub-domínios do PAPC-CJ e a Auto-Estima Global, controlando a Auto-Estima Corporal

	Auto-estima					
	Amostra Total (n=625)		Sexo Feminino (n=315)		Sexo Masculino (n=310)	
	Zero	Parcial	Zero	Parcial	Zero	Parcial
AEC	.55**	–	.50**	–	.60**	–
DESPORTO	.40**	.06	.34**	.04	.46**	.16**
CONDIÇÃO	.37**	.02	.31**	.04	.41**	.04
CORPO	.45**	.09*	.39**	.04	.50**	.15**
FORÇA	.30**	-.00	.27**	.07	.31**	-.04

** $p < .01$; * $p < .05$

QUADRO 8
Correlações de Ordem Zero e Correlações Parciais de Ordem Um entre os Sub-domínios do PAPC-CJ controlando a Auto-Estima Corporal

	DESPORTO		CONDIÇÃO		CORPO	
	Zero	Parcial	Zero	Parcial	Zero	Parcial
Amostra Total (n=625)						
CONDIÇÃO	.66**	.42**				
CORPO	.48**	.02	.46**	-.01		
FORÇA	.57**	.33**	.54**	.28**	.50**	.16**
Sexo Feminino (n=315)						
CONDIÇÃO	.61**	.40**				
CORPO	.40**	-.12	.38**	-.64		
FORÇA	.53**	.37**	.49**	.34**	.35**	.05
Sexo Masculino (n=310)						
CONDIÇÃO	.59**	.35**				
CORPO	.48**	.14*	.46**	.04		
FORÇA	.46**	.20**	.43**	.11	.55**	.27**

** $p < .01$; * $p < .05$

cálculo do coeficiente de correlação R de Pearson, obtido em momentos diferentes. Para testar a fidelidade teste-reteste, o PAPC-CJ foi novamente administrado a 31 sujeitos (17 raparigas e 14 rapazes) pertencentes a duas turmas aleatoriamente seleccionadas da amostra inicial, com um intervalo de três semanas relativamente à primeira aplicação. Os resultados obtidos indiciam

uma boa estabilidade (para todas as sub-escalas o valor da correlação é estatisticamente significativo para $p < .01$). Os resultados variaram entre .71 para a sub-escala Desporto e .92 para a sub-escala Condição no caso do sexo feminino e situaram-se entre .77 para a sub-escala Corpo e .92 para a sub-escala Força no sexo masculino. De referir ainda que os coeficientes de fidelidade

do teste-reteste neste estudo foram similares aos do estudo com a versão de adulto do PSPP ($R = .74$ a $R = .92$), tal como indicado por Fox (1990).

3.4. *Confirmação do modelo*

Foram efectuadas análises de regressão linear múltipla para determinar de que modo os quatro sub-domínios influenciavam a AEC e investigar a hipótese se esta seria preditora significativa da AEG. No modelo de análise da Auto-Estima Global consideraram-se as variáveis Tempo (tempo máximo de prática desportiva dos sujeitos), Idade e Sexo, que foram introduzidas num primeiro «bloco» pelo método *enter*. Um segundo «bloco» foi introduzido com as sub-escalas do PAPC-CJ pelo método *stepwise*, de modo a que as variáveis com mais peso fossem identificadas e entrassem na análise em primeiro lugar. Tal como esperado, a variável com mais peso explicativo foi a AEC (R^2 Aj. = .26) e portanto, a variável que apresenta o maior efeito estatisticamente significativo ($Beta = .471$, $p < .001$). Desta forma, a variável AEC apresenta maior correlação com o modelo da Auto-Estima Global, sendo responsável por 26.0% dos 31.3% de proporção de variação explicada por este modelo, através do *R quadrado*. As outras variáveis que contribuem para o coeficiente de determinação são o Desporto ($Beta = .123$, $p < .05$), e de uma forma negativa, a Idade ($Beta = -.099$, $p < .05$). As restantes variáveis: Sexo, Tempo, Condição, Corpo e Força não apresentam efeitos estatisticamente significativos em relação à AEG.

Quanto à análise da Auto-Estima Corporal, decidiu-se a condução da análise por género, conforme tem sido proposto na literatura (e.g. Fox, 1990; Lintunen, 1995; Whitehead, 1995). Para ambos os sexos foi escolhido o procedimento de *stepwise*, em virtude de não existirem expectativas teóricas sobre a forma como os sub-domínios poderiam predizer a AEC. Para o sexo feminino, a variável Corpo tem o maior poder preditivo da AEC (R^2 Aj. = .54), seguindo-se a variável Desporto (R^2 Aj. = .13). A variável Corpo apresenta assim, a maior correlação com o modelo da AEC sendo responsável por 53.9% dos 68.7% de proporção de variação explicada por este modelo. As variáveis que apresentam um efeito estatisticamente significativo são:

Corpo ($Beta = .549$, $p < .001$), Desporto ($Beta = .295$, $p < .001$), e Condição ($Beta = .177$, $p < .001$). Contrariamente à hipótese formulada no modelo, apenas três sub-domínios apresentaram valores significativos explicativos, tendo a variável Força sido excluída do modelo para o sexo feminino. Contudo, situação idêntica relativa à estrutura interna do modelo foi relatada num estudo de Hayes, Crocker e Kowalski (1999), no qual a Força não constituiu um preditor significativo independente da AEC. No sexo masculino, a variável Corpo apresenta o maior poder preditivo da AEC (R^2 Aj. = .47), seguindo-se as variáveis Condição (R^2 Aj. = .13), Força (R^2 Aj. = .02), e Desporto (R^2 Aj. = .01). A variável Corpo ($Beta = .400$, $p < .001$) apresenta o maior efeito estatisticamente significativo, seguindo-se as variáveis Condição ($Beta = .307$, $p < .001$), Força ($Beta = .142$, $p < .002$), e Desporto ($Beta = .143$, $p < .003$). Como tal a variável Corpo apresenta maior correlação com o modelo da AEC, sendo responsável por 47.5% dos 63.4% de proporção de variação explicada por este modelo. Tanto no sexo masculino como feminino (com excepção da variável Força), os valores observados sugerem que a maior parte do conteúdo da auto-estima corporal pode ser explicada pelas quatro sub-escalas do PAPC-CJ.

3.5. *Perfil de Importância Percebida para Crianças e Jovens – PIP-CJ*

Dadas as características específicas desta escala de importância, realizou-se um processo de verificação psicométrica diferenciado do descrito anteriormente para o PAPC-CJ, seguindo algumas das sugestões de Fox (1990) e Whitehead (1995). O PIP-CJ é constituído por quatro sub-escalas de dois itens cada, correspondendo aos conteúdos dos quatro sub-domínios do PAPC-CJ. As quatro sub-escalas, designadas por PIP-Desporto, PIP-Condição, PIP-Corpo e PIP-Força, relacionam-se com a importância atribuída pelos sujeitos nos domínios, respectivamente, de Desporto, Condição, Corpo e Força do PAPC-CJ. No Quadro 9 apresentam-se as médias e os desvios padrão, verificando-se que, com excepção da sub-escala PIP-Força, para o sexo feminino, todos os restantes casos se situam acima do ponto mate-

QUADRO 9
Valores Relativos às Sub-Escalas do PIP-CJ (Médias e Desvios Padrão – DP)

	Amostra Total (n=625)		Sexo Feminino (n=315)		Sexo Masculino (n=310)	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
PIP-DESPORTO	2,77	0,80	2,59	0,78	2,96	0,77
PIP-CONDIÇÃO	2,85	0,74	2,72	0,69	2,98	0,76
PIP-CORPO	2,72	0,72	2,70	0,75	2,75	0,70
PIP-FORÇA	2,34	0,74	2,16	0,67	2,53	0,77

mático médio de 2,50. Não se registou em qualquer distribuição marcada assimetria ou curtose.

De seguida levou-se a cabo com as sub-escalas do PIP-CJ uma análise factorial com extracção das componentes principais através do método de rotação *varimax*. No caso do sexo feminino, todos os itens saturaram acima de .71 no respectivo factor, não se verificando quaisquer *cross-loadings* superiores a .35. Contudo, a estrutura do PIP-CJ com o sexo masculino revelou-se muito pouco clara, com vários itens a falharem a saturação de .40 no respectivo factor aparente e observando-se numerosos *cross-loadings*. Embora esta escala seja uma adaptação da versão de adulto, os resultados do presente estudo são bastante semelhantes aos relatados por Fox (1990), que sugere cuidado na interpretação dos dados do PIP em populações adultas masculinas. Por sua vez Whitehead (1995), mostrou reservas à validade factorial da escala, referindo que os itens não mostraram uma estrutura factorial diferenciada. Neste sentido, é fundamental em futuros estudos tentar perceber porque motivo, como refere Whitehead (1995) a escala permanece enigmática, tentando-se esclarecer se devido à forma como os itens foram escritos ou se as percepções de importância percebida são relativamente indiferenciadas entre os rapazes adolescentes.

4. COMENTÁRIO FINAL

A validade interna da versão portuguesa do PAPC-CJ com a amostra estudada foi confirma-

da de um modo satisfatório, uma vez que reproduziu a estrutura hierárquica do modelo proposto por Fox (1990) e Fox e Corbin (1989), e se replicou, igualmente de forma satisfatória, o estudo de validação do PSPP-CY efectuado por Whitehead (1995). Em conclusão, o PAPC-CJ indicia ser um instrumento válido para medir as auto-percepções corporais dos jovens portugueses, enquanto o PIP-CJ apresenta problemas semelhantes aos da escala original, pelo que deve ser utilizada com reserva entre os adolescentes do sexo masculino. Como refere Fox (1990), a validação de instrumentos psicológicos nunca está inteiramente completa, tratando-se de certo modo de um processo nunca acabado, pelo que, futura investigação é necessária para confirmar os resultados aqui apresentados e mais trabalho deverá ser realizado com outros grupos no sentido de se confirmar e estender a validade dos instrumentos estudados a outras populações portuguesas.

REFERÊNCIAS

- Almeida, A. P., Maia, J. A., & Fontoura, J. M. (1995). Auto-conceito físico: estudo da sua expressão diferencial em atletas e não atletas. In M. Gonçalves, I. Ribeiro, S. Araújo, C. Machado, L. Almeida & M. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (vol. 5, pp. 425-435). Braga: APPORT.
- Baumeister, R. F. (1994). Self-esteem. In V. S. Ramachandran (Ed.), *Encyclopedia of Human Behavior* (Vol. 4, pp. 83-87). San Diego: Academic Press.

- Crocker, P. R., Eklund, R. C., & Kowalski, K. C. (2000). Children's physical activity and physical self-perceptions. *Journal of Sports Sciences*, 18, 383-394.
- Eklund, R. C., Whitehead, J. R., & Welk, G. J. (1997). Validity of the children and youth physical self-perception: A confirmatory factor analysis. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 68 (3), 249-256.
- Faustino, A. (1994). *Desenvolvimento motor e autoconceito*. Tese de mestrado inédita, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.
- Ferreira, J. P. L. (1997). *A influência de variáveis biossociais e de aptidão física na evolução do autoconceito/imagem corporal em jovens entre os 14/16 e os 17/19 anos de idade com e sem sucesso escolar*. Tese de mestrado inédita, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.
- Fox, K. H. (1988). The self-esteem complex and youth fitness. *Quest*, 40, 230-246.
- Fox, K. R. (1990). *The Physical Self-Perception Profile Manual*. Illinois: Northern Illinois University.
- Fox, K. H. (1997). The physical self and processes in self-esteem development. In K. R. Fox (Ed.), *The physical self: from motivation to well-being* (pp. 111-140). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
- Fox, K. H. (1998). Advances in the measurement of the physical self. In J. L. Duda (Ed.), *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp. 295-310). Morgantown: FIT.
- Fox, K. H. (1999). Self-esteem and quality of life in exercise and sport. In Václav Hisek, Pavel Tilinger & Lubos Bílek (Eds.), *Psychology of sport exercise: Enhancing the quality of life. Proceedings of the 10th european congress of sport psychology – part 1* (pp. 12-19). Prague: FEPSAC.
- Fox, K. H. (2000). The effects of exercise on self-perceptions and self-esteem. In Stuart J. H. Biddle, Kenneth R. Fox & Stephen H. Boutcher (Eds.), *Physical activity and psychological well-being* (pp. 88-117). London: Biddles Ltd, Guildford and King's Lynn.
- Fox, K. H., & Corbin, C. B. (1989). The physical self perception profile: development and preliminary validation. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 11, 408-430.
- Hagger, M., Ashford, B., & Stambulova, N. (1998). Russian and british children's physical self-perceptions and physical activity participation. *Pediatric Exercise Science*, 10, 137-152.
- Harter, S. (1982). The perceived competence scale for children. *Child Development*, 53, 87-97.
- Harter, S. (1985). *Manual for the self-perception profile for children*. Denver: University of Denver.
- Harter, S. (1988). *Manual for the self-perception profile for adolescents*. Denver: University of Denver.
- Hayes, S. D., Crocker, P. R. E., & Kowalski, K. C. (1999). Gender differences in physical self-perceptions, global self-esteem and physical activity: Evaluation of the physical self-perception profile model. *Journal of Sport Behavior*, 22, 1-14.
- Lintunen, T. (1995). *Self-perceptions, fitness, and exercise in early adolescence: A four-year follow-up study*. Jyväskylä: University of Jyväskylä.
- Marsh, H. W. (1997). The measurement of physical self-concept: A construct validation approach. In K. Fox (Ed.), *The Physical Self* (pp. 27-58). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
- Marsh, H. W., & Hattie, J. (1996). Theoretical perspectives on the structure of self-concept. In B. Bracken (Ed.), *Handbook of self-concept: Developmental, social, and clinical considerations* (pp. 38-90). New York: Wiley.
- Mutrie, N., & Biddle, S. J. H. (1995). The effects of exercise on mental health in nonclinical populations. In S. Biddle (Ed.), *European perspectives on exercise and sport psychology* (pp. 50-70). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
- Peixoto, F. (1996). Auto-conceito(s), auto-estima e resultados escolares: A influência da repetência no(s) auto-conceito(s) e na auto-estima de adolescentes. In M. A. Martins (Ed.), *Dinâmicas Relacionais e Eficiência Educativa* (pp. 51-69). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2000). *Análise de dados para ciências sociais – a complementaridade do SPSS*. (2ª Edição). Lisboa: Edições Sílabo.
- Raudsepp, L., Liblik, R., & Hannus, A. (2002). Children's and adolescents' physical self-perceptions as related to moderate to vigorous physical activity and physical fitness. *Pediatric Exercise Science*, 14, 97-106.
- Stevens, J. (1986). *Applied Multivariate Statistics for the Social Sciences*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Vaz Serra, A. (1988). O auto-conceito. *Análise Psicológica*, 6 (2), 101-110.
- Welk, G. J., Corbin, C. B., & Lewis, L. A. (1995). Physical self-perceptions of high school athletes. *Pediatric Exercise Science*, 7, 152-161.
- Whitehead, J. (1995). A study of children's physical self-perceptions using an adapted physical self-perception profile questionnaire. *Pediatric Exercise Science*, 7, 132-151.

RESUMO

O estudo teve como objectivo principal adaptar para Portugal o *Physical Self-Perception Profile for Children and Youth* – PSPP-CY e o *Perception Importance Profile for Children and Youth* – PIP-CY (Whitehead, 1995).

A versão portuguesa dos instrumentos (Perfil de Auto-Percepção Corporal para Crianças e Jovens –

PAPC-CJ) e Perfil de Importância Percebida para Crianças e Jovens – PIP-CJ) foi aplicada junto de uma amostra de 625 alunos (raparigas, $n = 315$; rapazes, $n = 310$), com idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos ($M = 14.38$ e $DP = 1.46$), pertencentes a escolas do Algarve.

A consistência interna e validade do PAPC-CJ foram testadas de forma satisfatória, replicando de forma consistente a estrutura original apresentada por Whitehead (1995). A análise efectuada reproduziu a estrutura hierárquica do modelo proposto por Fox (1990) e Fox e Corbin (1989). O instrumento indicia ser válido para medir as auto-percepções corporais dos jovens portugueses.

No PIP-CJ, ao contrário do sexo feminino, os dados obtidos para o sexo masculino não mostraram uma estrutura factorial diferenciada, pelo que o instrumento permanece algo enigmático, tal como referido por Whitehead (1995).

Futura investigação é necessária para confirmar os resultados aqui apresentados e mais trabalho deverá ser realizado com outros grupos no sentido de: estender-se a validade do PAPC-CJ a outras populações portuguesas; e clarificar-se o papel das percepções de importância percebida, sobretudo entre os rapazes adolescentes.

Palavras-chave: Auto-estima, auto-estima corporal, auto-percepções corporais, Perfil de Auto-Percepção Corporal para Crianças e Jovens (PAPC-CJ), Perfil de Importância Percebida para Crianças e Jovens (PIP-CJ).

ABSTRACT

The purpose of the present study was to adapt for

Portugal the *Physical Self-Perception Profile for Children and Youth – PSPP-CY* and the *Perception Importance Profile for Children and Youth – PIP-CY* (Whitehead, 1995).

The Portuguese version of the instruments (*Perfil de Auto-Percepção Corporal para Crianças e Jovens – PAPC-CJ*) and *Perfil de Importância Percebida para Crianças e Jovens – PIP-CJ*) was applied to a sample of 625 students (girls, $n = 315$; boys, $n = 310$), aged from 11 to 19 ($M = 14.38$ and $DP = 1.46$), belonging to different schools from the Algarve.

The internal consistency and the validity of the PAPC-CJ have been satisfactorily tested, replying consistently the original structure presented by Whitehead (1995). The analysis done has reproduced the hierarchical structure of the model proposed by Fox (1990) and by Fox and Corbin (1989). The instrument has revealed itself to be valid to measure the physical self-perceptions of Portuguese youngsters.

In what concerns the PIP-CJ, contrarily to the girls' results, the results obtained with the boys didn't show a differentiated factorial structure, which leads us to think that the instrument remains somehow enigmatic, according to what Whitehead (1995) had concluded.

Further investigation is needed to confirm the results presented in this study. Further work should be done with other groups in order to, firstly, extend the validity of the PAPC-CJ to other Portuguese populations and, secondly, to clarify the role of the perceived importance perceptions, especially among male adolescents.

Key words: Self-esteem, physical self-worth, physical self-perceptions, Physical Self-Perception Profile for Children and Youth (PSPP-CY), Perception Importance Profile for Children and Youth (PIP-CY).